

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ – EDUCAÇÃO, EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS E INTERSECCIONALIDADES

DOSSIER PRESENTATION – EDUCATION, DECOLONIAL EPISTEMOLOGIES AND INTERSECTIONALITIES

Mille Caroline Rodrigues Fernandes¹
Bernardete Angelina Gatti²
Fabiana de Lima Peixoto³

O período histórico conhecido como modernidade ocidental, ao colocar a Europa como centro do mundo, com seu projeto de civilização, hoje historicamente controverso, criou marcadores de civilização com ideias a partir da concepção de raça, língua, religião, costumes, gênero, sexualidades, entre outras, que legitimaram/legitimam outros povos como atrasados, primitivos e selvagens (MALDONADO-TORRES, 2019). Estes marcadores estabelecem e

149

¹ Pós-doutoranda em Educação (IEA/USP). Doutora em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc/UNEB). Foi Bolsista PDSE/CAPEs no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED/Luanda) (2018-2020). Atualmente é Professora de História da África da Educação Básica do Município de Nazaré/BA; Professora Colaboradora no Departamento de Línguas e Literaturas Africanas (ISCED/Luanda); Professora Colaboradora da Cátedra UNESCO de Estudos Afro-Andinos de la Universidad Andina Simón Bolívar (UASB/Quito). É Pesquisadora do Grupo Memória da Educação na Bahia (PROMEB/PPGEduc/UNEB) e Vice-líder do Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas (NGEAALC/UNEB). E-mail: millerfernandes2610@gmail.com

² Doutora em Psicologia (Universite de Paris VII - Universite Denis Diderot). Pós-Doutora na Université de Montréal e na Pennsylvania State University. Atualmente é Docente aposentada da USP e Membro titular da Academia Paulista de Educação (Cadeira nº 27). Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP. Simultaneamente foi Pesquisadora Sênior na Fundação Carlos Chagas, aí exercendo os cargos de Coordenadora do Departamento de Pesquisas Educacionais e de Superintendente de Educação e Pesquisa. Foi membro e presidiu o Comitê Científico - Educação do CNPq e foi coordenadora da área de Educação da CAPES. Atuou como Consultora da UNESCO e de outros organismos nacionais e internacionais. E-mail: gattibe@gmail.com

³ Pós-doutora em Educação (IEA/USP). Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (2011). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Campus Jorge Amado, Itabuna/BA, atuando nas áreas de Artes e Ciências Humanas e Sociais. Com experiência nas áreas de Educação e relações étnico-raciais, Estudos Literários e Culturais. Tem trabalhado com produção literária afro-brasileira, relações raciais na educação, artes negrodescendentes e diaspóricas, culturas africanas e afro-brasileira, ensino de literatura, produção de material didático em educação para as relações étnico-raciais, saberes tradicionais, educação integral, formação de professores. É pesquisadora do Núcleo de Pesquisas Afro-Brasileiras em Artes, Tradições e Ensinações (ALDEIA/UFSB). E-mail: fabianalimaufsb@gmail.com

mantêm a estrutura da matriz colonial tendo como principais fundamentos as formas racializadas das relações de produção que operam em três níveis: “[...] no epistemológico, no ontológico e no ético” (JAHN, 2000 apud MALDONADO-TORRES, 2019, p. 32). Estes três níveis definem as bases da Colonialidade do saber, do poder e do ser no mundo moderno. Tais marcadores surgem como característica do modelo de civilização imposto a partir das invasões europeias no Velho e no Novo Mundo. Portanto, as invasões europeias, de fato, provocaram mudanças avassaladoras nas estruturas socioculturais, políticas, econômicas sob o pretexto de civilizar o incivilizado, respaldando-se em várias técnicas e instituições, principalmente da instituição religiosa, a exemplo das igrejas, para a legitimação desta grande missão (MALDONADO-TORRES, 2019); (FERNANDES, 2020).

Desde o processo de exploração e a colonização, os projetos de cristianização, civilização e modernização configuraram as relações entre Europa e suas colônias e uma das estratégias de categorização desta colonização refere-se à avaliação do desenvolvimento intelectual de um povo. A pretensa superioridade do saber europeu, nas mais diversas áreas da vida, foi e ainda continua sendo um elemento mobilizador para a colonialidade do poder, do saber e do ser no sistema-mundo colonial/moderno. “Uma máquina poderosa para subalternizar o conhecimento” (MIGNOLO, 2000, p. 92); (FERNANDES, 2020).

Como uma desobediência epistêmica ao projeto eurocêntrico da modernidade, Mignolo (2000; 2008; 2010) propõe o pensamento de fronteira. As epistemologias de fronteira subsumem e redefinem a retórica emancipatória da modernidade a partir das cosmopercepções (OYĚWŪMÍ, 2002), epistemologias decoloniais e interseccionalidades, localizadas no lado oprimido e explorado da diferença colonial, rumo a uma luta de libertação decolonial/descolonial em prol de um mundo capaz de superar a modernidade eurocentrada. No intuito de irromper com o racismo epistêmico da modernidade em diálogo com o pensamento eurocêntrico, muito embora não tenha por suposição eliminar nem mesmo negar o conhecimento nortecêntrico, Walsh (2009; 2013) propõe pedagogias decoloniais a partir da interculturalidade epistêmica, expressa como um projeto político e epistemológico de intervenção na/da realidade social que considera e revisa aspectos históricos da colonização, recolocando e retomando a história desde a perspectiva e referenciais outros, dialogando com

o que Quijano (2009) vai chamar como horizonte de sentido histórico. Um horizonte que pode ser compreendido por meio de aspectos que, de fato, considerem alternativas teórico-epistemológicas outras, uma vez que contesta a estrutura colonial, racial, de classe e gênero de poder, privilegiando saberes outros, para além do reducionismo e da generalização do projeto de saber eurocentrado. Não podemos esquecer que este horizonte de sentido histórico, o qual Quijano (2009) nos alerta é um acordo teórico-epistêmico, sócio-histórico, político-filosófico, ético e também estético. Nesse viés de horizonte histórico chamamos atenção de igual maneira para a discussão das interseccionalidades, “[...] que é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 16). Não podemos discutir as relações de poder que envolvem raça sem discutirmos classe, gênero, sexualidades, religiosidades entre outras questões. Collins (2021, p. 16) nos explica que estas categorias funcionam de maneira unificadas, e ainda que se apresentem de forma invisível em algumas discussões, as “relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social”.

Dessa maneira, a partir do olhar sobre a Educação nos estimula pensar a importância das epistemologias decoloniais e interseccionalidades para as diversas áreas do saber. Isto porque, os fazeres, saberes e as histórias locais nortecêntricas foram impostas como projetos globais, gerando uma visão e um imaginário universal, etnocida e dominante do sistema-mundo colonial/moderno. A diferença colonial, tanto física quanto imaginária, é tida como natural contemplando a ordem universal, onde há uma subalternização de histórias, saberes, línguas, povos e culturas. Para questionarmos essa ordem universalista propomos um desprendimento epistemológico, emancipatório, social e acadêmico, que envolve a necessidade de habitar a fronteira, que é onde residem outras linguagens e memórias, outras subjetividades, outros saberes, religiosidades e crenças. Isto porque, cada história local habita sua própria fronteira, sua própria linguagem, memória, ética, sua própria teoria sociopolítica e político-econômica (GROSFOGUEL, 2009). O pensamento fronteiro, segundo Mignolo (2007; 2008; 2010), problematiza a modernidade/colonialidade nos seus processos sociais, propondo um projeto político e epistêmico, capaz de reconhecer a importância de descolonizar os conhecimentos, construindo estratégias e certos mecanismos de desprendimentos epistêmico mediante os quais

operam o projeto colonial de dominação. Este autor interconecta suas reflexões e ensaia o esboço do que denomina como gramática da descolonialidade.

A gramática da descolonialidade é uma prática que começa por reconhecer, em primeiro lugar, que a colonização do saber, do poder e do ser se constituiu tendo como base o conhecimento colonial para conter as subjetividades e informa que o mundo é sempre atravessado por mundos diversos, constituído por cosmopercepções que fogem à lógica colonial fundante da metanarrativa ocidental de superstições fabricadas como uma verdade única (MBEMBE, 2001) sobre histórias que foram silenciadas e/ou apagadas do mundo, sobre o Ser e de como devemos habitar este mundo.

O pensamento fronteiriço desenvolve-se nas brechas da colonialidade, constrói-se no diálogo com os saberes hegemônicos, todavia a partir de saberes que foram subalternizados nos processos neocolonial-imperialista, possibilitando reflexões e interpretações, sobre a perspectiva ocidental hegemônica, podendo estabelecer ruptura epistemológica, desobediente e transgressora, abrindo espaço para a insurgência de vozes, línguas, culturas, significados, histórias antes excluídas, silenciadas ou nomeadas tão somente por suas carências e trazendo à tona a pluriversalidade de histórias, fazeres e saberes que podem ser conectados através de experiências comuns desde dentro e formar a base de uma nova maneira de conceber outros mundos (ESCOBAR, 2003; 2017). Importante destacar que a pluriversalidade pode e deve ser pensada aqui como um projeto implicado em caminhar para uma geopolítica e um corpo-política do conhecimento.

Nessa perspectiva, pensar a educação a partir de um projeto pluriversal que possa caminhar desde/com o pensamento de fronteira, é necessário: primeiro, compreender que as bases da educação mantém vínculos profundos com perspectivas cunhadas pelo pensamento iluminista, assim como possui uma construção cultural complexa, gestada e mantida nos princípios epistemológicos do colonizador branco, cristão, racional, masculino e heteronormativo europeu, e por consequência disto, vivemos ainda um paradigma eurocêntrico que é o perigo da história única em que a educação sempre foi utilizada para invisibilizar os conhecimentos e saberes dos povos não-europeus; segundo, se a educação, utilizada por diversas vias, especialmente pela escola, contribuiu para reforçar estereótipos, práticas

preconceituosas e discriminatórias negando e silenciando diversos modos de produção e de saberes, esta mesma educação, tendo como perspectivas as epistemologias decoloniais e interseccionais, poderá dialogar com histórias outras, contribuindo tanto com o rompimento das colonialidades presentes nas sociedades que supervalorizam a cultura europeia cristã, branca, patriarcal, heteronormativa quanto para a produção de um pensar pedagógico que rompa com a subalternização dos conhecimentos e das experiências de sujeitos sociais subalternizados.

O texto que inicia esta edição: **Filosofias e leituras decoloniais notas sobre uma experiência pedagógica para adiar o fim do mundo à luz das categorias de bem viver e resistência** de Paulo José Sá Bittencourt e Gerson Luis Egas Severo são apresentadas reflexões e leituras decoloniais concernentes a aspectos fundamentais das paideias, da ancestralidade e das sabedorias originárias de outras matrizes culturais, especialmente, as da África e do Extremo Oriente Asiático. O ponto de partida referencial é o da experiência acadêmica e pedagógica de disciplina desenvolvida recentemente no âmbito do Curso de Licenciatura em História, do Campus Erechim na Universidade Federal da Fronteira Sul, considerando, para tanto, as categorias chaves de bem viver e de resistência, recepcionadas de debates sobre a questão em contexto da Ameríndia.

O artigo de Fernando Guimarães Oliveira da Silva intitulado **Notas para a uma pedagogia da interseccionalidade** é oriundo de um projeto de pesquisa, o qual tem por preocupação a luta antirracista, no sul-mato-grossense, engajada e como prática de liberdade. A partir das perspectivas decoloniais, do pensamento interseccional feminista-negro e de concepções freireanas de educação para sugerir a interseccionalidade como ferramenta pedagógica de ensino e de aprendizagem na educação básica, o autor traz como pano de fundo experiências vividas, escrevivências e embrutecimentos pedagógicos de sua caminhada em um (c)istema-mundo produtor de precariedade existencial. Como ato conclusivo, o artigo apresenta um possível engajamento docente em temáticas que propõem repensar a narrativa da histórica única, mostrando que o engajamento é um compromisso para as diferentes áreas não necessariamente de humanas na educação básica. É possível articular assuntos das ciências exatas e biológicas a partir de temáticas do cotidiano racializado, misógino, produtor de desigualdades e precariedade da vida.

A discussão apresentada no artigo escrito por uma Rede de pesquisadoras negras e pesquisadores negros composta por Luciano da Silva Pereira, Carla Aparecida da Silva, Larissa Melo Mendes e Yasmin Bondarenko dos Santos, intitulado **Lei 12.711/2012: políticas e disputas no acesso, permanência e formação na educação superior**, no exercício em romper com a geopolítica do conhecimento e do poder, inspiradas/o na desobediência epistêmica discutem sobre a situação de entrada e permanência dos grupos marginalizados nas Instituições de Educação Superior (IES) e as políticas que acompanham essa realidade. Por essa via, o texto se dedica a analisar o acesso, permanência e a formação de estudantes participantes da Lei de cotas 12.711, que atravessados pela colonialidade/modernidade, ingressam no ensino superior como ato concreto de descolonização.

O texto produzido por Tiago de Aguiar Rodrigues e Solange Maria Pereira da Silva sob o título **Decolonialidade na educação escolar indígena do povo Kanela/Memortumré/MA** apresenta a discussão sobre educação escolar indígena decolonial e uma proposta pedagógica para o ensino médio, na aldeia Escalvado do povo Kanela/Memortumré (MA). Com isso, o texto buscou analisar o Referencial curricular para a educação indígena do Estado do Maranhão, aprovado em 2021, como também, a partir deste documento Referencial curricular, são apresentados os conteúdos da Base que devem compor os currículos das escolas indígenas, deixando a parte intercultural aberta para que cada escola construa o currículo de acordo com as necessidades de cada comunidade indígena.

Por fim, o texto **Aprender a ser e a viver com os huni kuin: educação, imaginário e sensibilidade no jogo “huni kuin - os caminhos da jibóia”** de autoria de Thamara Parteka, Higor Antonio da Cunha e Elni Elisa Willms nos apresenta um trabalho instigante sobre as práticas e saberes ameríndios e afroamericanos, a partir do jogo “Huni Kuin: os caminhos da Jibóia”. Com o objetivo de construir uma educação estética decolonial, tanto por seus elementos gráficos e audiovisuais, quanto por sua própria elaboração, que se deu a partir da produção partilhada de conhecimento.

Estes textos reunidos nesta publicação se justificam ao buscar a deseducação dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento produzida na história imperial dos últimos cinco séculos. Artigos que apresentam estudos e investigações relacionados/as as

diferentes práticas decoloniais que concebem outras geopolíticas de conhecimento, apresentando inflexões, desafios, reexistências, a partir do olhar/ação desobediente e transgressor/a.

REFERÊNCIAS

ACHINTE, Adolfo Albán. *Pedagogías de la Re-existencia: Artistas indígenas y afrocolumbianos*. In: MIGNOLO, Walter; PALERMO, Zulma. **Arte y estética en la encrucijada descolonial**. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2009.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Demarginalizing the Intersection of race and Sex: a Black Feminist Critique of Anti-Discrimination Doctrine, Feminist Theory, and Anti-Racist Politics**. University of Chicago Legal Forum, v. 140, p. 139-167, 1989.

ESCOBAR, Arturo. Desde Abajo, Por la izquierda, y con la tierra: la diferencia da Abya Yala/Afro/Latino/América. In: WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo II – Serie Pensamento Decolonial. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2017.

ESCOBAR, Arturo. **Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano**. Tabula Rasa, Bogotá-Colômbia. n. 1, p. 58-86, enero-diciembre, 2003.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Tradução José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Brasíleiras, 1968.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Mille Caroline Rodrigues. **De Angola à Nilo Peçanha: Traços da Trajetória Histórica e da Resistência Cultural dos Povos Kongo/Angola na Região do Baixo Sul**.

260f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020.

FERNANDES, Mille Caroline Rodrigues. **Inflexão Decolonial/Descolonial na Pesquisa Etnográfica em Angola: Interpelações, Desprendimentos e Estratégias de Transgressão.** REVUE D'ÉTUDES DÉCOLONIALES, França. v. 6, p. 1-19, 2021.

GATTI, Bernardete Angelina. Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 25, n. 57, p. 24–54, 2014. DOI: 10.18222/ea255720142823. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/ea255720142823>. Acesso em: 26 abril 2023.

GROSFOGUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa;

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MENEZES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra, Portugal: Almedina. 2009.

156

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da descolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico.** 2. ed. Coleção Cultura Negra e Identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. Visualizing the Body: Western Teories and African Subjects. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (Eds). **The African Philosophy Reader.** New York: Routledge, 2002, p. 391-415.

PEIXOTO, Fabiana de Lima. **Encruzilhada de saberes em tempos de cólera: currículo decolonial e pedagogias da escrevivência.** Revista Teias (PROPRED/UERJ). Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, jul./set., p. 116-130, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **La Colonialidad del Saber: eurocentrismo y ciências sociales.** Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 1993.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGUÉL, R. (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica mas allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, p. 93-127, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Otro horizonte de sentido. **Revista América Latina en Movimiento**. nº 441. Quito, p. 2-5, fev., 2009. Disponível em < <https://www.alainet.org/es/articulo/141203>> Acesso em: 24 de abril de 2023.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (De)Coloniales de Nuestra Época**. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2009.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I – Serie Pensamento Decolonial. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WOODSON, Carter Godwin. **A Deseducação do Negro**. Tradução Kwame Asafo Nyansafo Atunda. São Paulo: Medu Neter Livros, 2018.